



A SENSIBILIDADE DO OLHAR NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS NA MODERNIDADE EM CHAPECÓ COMO FORMAÇÃO DE CONHECIMENTOS HISTÓRICOS DE 1970 A 1980

Marina Luz Rotava Paim¹
Maria de Fátima Guimarães²

Resumo: Este trabalho constitui-se em um olhar sobre as escolas e suas transformações por meio de uma ótica diferenciada a partir das histórias e memórias da cidade do oeste de Santa Catarina, Chapecó no período de 1970 a 1980, no qual ocorre o processo de industrialização e modernização. Tal singularidade da pesquisa reside em privilegiar, dentre os diferentes segmentos da comunidade escolar, aos serventes, zeladores e vigias, que trabalhavam nas escolas no período. Esta pesquisa em fase inicial do mestrado em educação, parte do pensamento de que o intercâmbio das narrativas e as experiências destes sujeitos sensíveis do meio escolar sobre o período são plenos de potencialidades para a construção de conhecimentos históricos, quer seja no contexto local ou mais amplo do país. Para isso, o trabalho se desenvolverá por meio de entrevistas com sujeitos que são esquecidos neste meio mas que também estavam vinculados como trabalhadores, além dos professores, diretores, junto às escolas públicas do ensino fundamental e médio. Esta seleção dos sujeitos se dará através de pesquisa documental nos arquivos da Gerência Regional de Educação de Chapecó (GERED) e no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM). Esta pesquisa terá como aporte a história oral e as lembranças desses narradores do espaço escolar, os quais tendem a ser excluídos, esquecidos e silenciados em seus conhecimentos tácitos e demais saberes formadores das histórias e memórias do cotidiano escolar e esses são fundamentais para o funcionamento da escola. Com efeito, justifica-se tal trabalho por valorizar as memórias dos narradores, que remetem às sensibilidades dos sujeitos esquecidos, tomando como base os pensamentos do filósofo Walter Benjamin, a partir dos ensaios *Experiência e Pobreza* e *O Narrador*. Com isso, negando o empobrecimento das experiências vividas e esquecidas no meio escolar e fora deste, sobre a modernização de Chapecó, em busca de “conhecer” os rastros deixados. Assim, compreende-se esses olhares dos esquecidos no meio escolar como formador de conhecimentos históricos, destacando o valor das lembranças destes sujeitos sensíveis ao seu tempo.

Palavras-chave: sujeitos sensíveis, experiências, Chapecó.

Introdução:

Pretende-se com esta pesquisa explorar as narrativas sobre a cidade de Chapecó no que tange a modernização, as experiências e as memórias dos narradores que compõem a história deste meio urbano. Assim, compreende-se esse processo como formador de conhecimentos históricos educacionais acerca desta cidade de 1970 a 1980.

Com efeito, fundamenta-se tal explanação sobre essa modernização principalmente nos textos de Walter Benjamin, filósofo alemão, que trabalha sobre a modernidade na capital francesa, em *Paris no século XIX* e *A Paris do Segundo Império em Baudelaire* (1991). Como também, se baseia nos conceitos benjaminianos de experiência e narrativa, a partir de dois

¹ Mestranda em Educação pela Universidade de São Francisco e bolsista pela CAPES.

² Pós-doutora pelo Centro de Memória em Educação da Unicamp e professora do programa de Pós- Graduação na Universidade de São Francisco.



ensaios do livro *Obras Escolhidas, Walter Benjamin: "Magia e Técnica, Arte e Política"* (1994), *Experiência e Pobreza* e *O Narrador*.

Rememorações, rastros da industrialização em Chapecó de 1970 a 1980:

Este trabalho pretende investigar (BLOCH, 2001) como as memórias sobre a modernização se fazem conhecimento histórico, em um pensar a “cidade como cruzamento de diferentes espaços e tempos, de diferentes suportes de memórias e histórias.” (GALZERANI, 2013: 14). A partir do pensamento do que é modernidade para Walter Benjamin, caracterizando o olhar sensível do narrador, sobre as transformações em específico da cidade de Chapecó de 1970 a 1980, em sua industrialização, aumento populacional e a precária condição de saneamento básicos da população.

Procura-se esclarecer qual a função da experiência para Benjamin, como esta se desenvolve e torna-se pobre no período histórico presenciado, entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a partir do *Experiência e Pobreza*, num processo de agonia da memória. Dessa forma, interliga-se o empobrecimento das experiências na modernidade, com a importância de se manter as narrativas sobre estas, num lembrar o que se quer esquecer sobre a urbanização de Chapecó, nas experiências e memórias narradas no livro *Fala professor(a)* (1997), por meio dos sujeitos históricos desse processo na figura do professor.

Ancorando-se “nas potencialidades que se abrem para a história da educação com a pesquisa de possíveis conexões entre a cidade e a escola” (FRANCESCHI, 2013: 19), esta pesquisa tem como narradores pessoas vinculadas à escola, serventes, zeladores e vigias, da cidade de Chapecó existentes no período do ufanismo industrial. A seleção dos sujeitos ocorre através de pesquisa documental, nos arquivos da Gerência Regional de Educação de Chapecó e no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina como também periódicos sobre o período.

A metodologia de registro das narrativas terá como aporte a história oral, pois como expõe Portelli esta “é uma ciência e arte do indivíduo” (PORTELLI, 1997: 15), lembrando o caráter dialógico que a mesma possui no comunicar as diferenças dos sujeitos, a partir da igualdade em relação aos demais trabalhos de pesquisa. Como também, enfatizar a narrativa como fonte de conhecimento histórico.

Do mesmo modo, se utilizará como aporte ao pensar a história oral e a relação do testemunho segundo Marc Bloch. Este ressalva sobre deformações que existem no testemunho:

“O erro, quase sempre, é previamente orientado. Sobretudo, espalha-se, só ganha vida sob a condição de se combinar com *os partis pris* da opinião comum; torna-se então [como] o espelho em que a consciência coletiva contempla seus próprios traços” (BLOCH, 2001: 106). Deste modo, observa-se como o conteúdo de um testemunho ou documento, mesmo que verídico ou não, forma a identidade e uma memória coletiva da industrialização na cidade de Chapecó, pois nesse se projeta e nomeia novos conhecimentos.

Com efeito rememorando diferentes histórias por meio dessas narrativas, as experiências do cotidiano escolar, desses sujeitos “esquecidos”, mas que são fundamentais para o funcionamento da escola. Dessa forma, compreendemos a ligação deste trabalho com o pensamento de Bakhtin (2010). Uma vez que se abordam diferentes vozes do meio escolar nas figuras desses sujeitos sensíveis, na formação de um dialogismo a partir dos enunciados que permitem a construção do conhecimento histórico:

Essa alternância dos sujeitos do discurso, que cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas várias. Observamos essa alternância dos sujeitos do discurso de modo mais simples e evidente do diálogo real, em que se alternam as enunciações dos interlocutores (parceiros de diálogo), aqui denominadas réplicas. Por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2010: 275).

Desse modo, busca-se provocar o diálogo entre as memórias narradas, na formação de uma memória coletiva, que compõe diferentes olhares sobre essa modernização da cidade de Chapecó. Com efeito, esse trabalho justifica-se por valorizar as memórias dos narradores, que remetem às sensibilidades dos sujeitos esquecidos.

A perspectiva benjaminiana do ensaio *O Narrador* auxilia na definição de o que é uma boa narrativa, tanto oral como escrita, como é a figura de um bom narrador, a origem das primeiras narrativas, qual o papel da experiência na narração e como a memória mostra-se no processo narrativo.

Além disso, busca-se esclarecer qual a importância da tradição oral no processo de lembrar. Tendo em vista a tradição de manter as memórias vivas por meio da oralidade, em uma valorização das experiências, que no período moderno/contemporâneo mostram-se empobrecidas, nuas, como esclarece Caroline Mitrovitch, em *Experiência e Formação em Walter Benjamin*:

Essa nudez traduz o sentido da experiência contemporânea e revela que o sentido não nasce apenas da vida: significação e morte andam juntas (Benjamin, 1984, p. 188). Assim, a experiência (Erfahrung) pode nascer do reconhecimento lúcido das

ausências, das perdas, da ruína, da morte. É o movimento dialético entre destruição e reconstrução que está na base do conceito da experiência que Benjamin lê em Baudelaire; e é justamente essa dialética que compõe toda potencialidade, toda possibilidade da experiência da história, no horizonte do precário contemporâneo. (MITROVITCH, 2011: 82)

As ruínas e perdas apresentadas pela autora caracterizam a visualização sobre os acontecimentos nas guerras como possibilidade de narração das experiências vividas nestas. Porém, estas experiências não são comunicadas, de forma que somente se informa por meio de notícias, sem um valor de sentimento e autenticidade. Assim perdendo o olhar da tradição para um entendimento do presente a partir das experiências que já foram vividas.

De tal modo, a informação somente por notícias empobrece as experiências em uma destruição das memórias, deixando que estas sejam esquecidas. Contudo, Benjamin (1994) propõe que se rememore sobre este período em uma reconstrução das memórias das guerras e trincheiras. Esta rememoração acontece por meio da narrativa, em uma restauração das memórias. Mas, também o filósofo descreve que esta narrativa na modernidade se encontra em constante agonia nesse processo de desconstrução das experiências, olhadas como ruínas e empobrecidas.

Diante disto, questiona-se como a narrativa e a memória estão morrendo com o empobrecimento das experiências, em constante agonia? E qual seria a esperança benjaminiana na rememoração, para reflexão desse processo em desenvolvimento na modernidade? Busca-se o que seria esta modernidade e quais suas implicações? Que diálogos a modernidade benjaminiana tem com os meios urbanos em desenvolvimento? Quais são as vozes neste dialogismo? Com isso, passa-se a descrever alguns conceitos benjaminianos fundamentais, como experiência e informação, narração e romance. E como também, o que seria uma rememoração dos sujeitos silenciados e como esta se apresenta na formação de conhecimentos históricos.

Por conseguinte, percebe-se uma necessidade de contextualização acerca de que modernidade Benjamin e o historiador Thompson se referem. Para tal, o Walter Benjamin explana, sobre a modernidade capitalista, em alguns ensaios, como *Paris – capital do século XIX* e *Paris no segundo império em Baudelaire*, por meio das alterações nas estruturas da capital francesa, como as galerias, as exposições, as passagens entre outras. Transformações que também passaram a existir em todos os espaços atingidos pelas industrializações e produções em massa em uma compreensão de que ela se assemelha a modernização que ocorre em Chapecó.

Nestes ensaios, Benjamin observa as mudanças sociais de que homem vira mercadoria ao olhar a figura dos artistas e das prostitutas, como os vendedores de sua própria força de trabalho. Contudo, estes também são as próprias mercadorias, o que vale neste processo é a exposição.

Segundo Paim e Guimarães (2012), com as luzes parisienses do século XIX, os operários e os burgueses não se distinguem mais das demais pessoas, que circulam à noite, como o *flâuner*, os boêmios, as prostitutas, os ladrões e os artistas. Estas pessoas antes eram os esquecidos socialmente, os anti-sociais, agora são parte de uma mesma massa.

Isto ocorre em Paris, a capital da moda, do luxo, na qual se pode encontrar também a miséria, moradores de rua e a pobreza, e que com as luzes percebe-se as mudanças formadas pelo capitalismo moderno. Com este processo de industrialização e urbanização das cidades busca-se um deixar esquecer e camuflar a penúria desta população das vistas dos burgueses. Uma vez que as alterações provocadas pela modernização tornam toda multidão, não se podia mais distinguir as pessoas socialmente. Se perde uma identidade dos sujeitos para a formação de uma identidade de massa.

Como indica Benjamin em *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*, a figura do *flâuner* passa a compor todos os espaços, por meio de sua percepção ele retrata a cidade e a compõe:

“O observador, diz Baudelaire, “é um príncipe que consegue estar incógnito por toda parte.”

Se, desse modo, o flâuner chega a ser um detetive contra a sua própria vontade, trata-se de algo que socialmente lhe cai muito bem. Legítima a sua vagabundagem. A sua intolerância é apenas aparente. Atrás dela se esconde a vigilância de um observador que não perde o malfeitor de vista. Assim, o detetive vê se abrirem vastos campos á sua sensibilidade. Ele constitui formas de reação adequadas ao ritmo da cidade grande. (BENJAMIN, 1991: 70).

Deste modo, compreende-se como que os personagens marginalizados evidenciam o processo de modernização. Uma vez que esses, numa personificação na figura do *Flâuner* passam a observar o ritmo em que se desenvolve a cidade, ele retrata o detetive que remete aos aspectos ameaçadores da composição da massa. Pois, essa se apresenta justamente como o asilo ao asocial, aos “esquecidos”.

Assim, desenvolve-se a pluralidade de visões da grande massa, as quais “perpassam práticas socioculturais plurais. Essas práticas, em grande parte dissonantes, ambivalentes e contraditórias, são geradas no rastro e no interior de tensões e de conflitos sociais” (GUIMARÃES, 2013: 20). Com efeito, há a tentativa de que a história seja somente a dos heróis

e não dos sujeitos esquecidos como o *flâuner*, o qual tende ao crime pela marginalização que a modernidade gera, numa formação de uma história romantizada.

Além disso, para Paim e Guimarães (2012), com a industrialização, encontra-se uma padronização das produções, o operário antes das transformações industriais sabia a que parte do processo estava ligado. O trabalhador conseguia olhar para os produtos e reconhecer sua própria mão de obra, uma vez que os produtos se diferenciavam.

Segundo Marx (1979), ocorre o processo de estranhamento, de alienação, como na modernidade, o operário não se reconhece mais naquilo que produziu. Padronização também levada para circulação das mercadorias e seus meios de transporte nas ruas tudo era controlado, num constituir o novo, porém, um novo sempre com a mesma aparência.

Entretanto, a população ainda não se acostumou com este processo, que procura uma uniformização sobre os sujeitos, de controle sobre suas vidas civis. Como expõem Paim e Guimarães (2012), ao dialogarem com Benjamin no exemplo da numeração das casas, sobre a forma que os sujeitos as identificam:

Eles continuam dizendo: a casa de fulano de tal. Não falam, não se referem ao número, embora tenham oficialmente o número da sua casa. Mas, continua sendo a casa do Pierre, do Jean..., de cada um então, continuam resistindo a essa padronização. Existe o controle das chegadas e saídas dos carros. Também se instalam portões na cidade, nos locais de acesso à cidade, é um controle policial mesmo de quem sai, quem entra na cidade (PAIM. GUIMARÃES, 2012: 7).

Esse processo de normatização social censura o que se apresenta de forma diferente e fora deste pensamento da padronização obtido na modernidade, numa alusão que tudo deve ser novo. Pois nesta concepção, somente o novo constitui o presente, o qual se torna sempre igual em um esquadrihar o tempo e o espaço. O presente torna-se muito próximo do passado, o qual tende a ser esquecido. Pois nele haviam as diferenças de forma exposta socialmente, agora elas são mascaradas na uniformização dos sujeitos, na formação de uma grande massa.

Nessa modernidade capitalista, o homem deve ser útil para esta razão instrumentalizada. Benjamin (1994), reflete sobre esse processo questionando-o e discordando com tal, já que com a modernização se absorve uma individualidade para desenvolvimento do capitalismo. Para o filósofo, o sujeito justamente se constitui e cria sua identidade por meio da história.

Ao encontro do pensamento de Benjamin, o historiador Thompson evidencia as mudanças dessa modernidade, ao falar sobre o tempo em seu livro *Costumes em comum*, no capítulo *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*. Segundo o historiador, o tempo passa a ser descrito como orientação a partir das tarefas:

É possível propor três questões sobre a orientação pelas tarefas. Primeiro, há a interpretação de que é mais humanamente compreensível do que é uma necessidade. Segundo, na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre “o trabalho” e “a vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados – e não há grande senso de conflito entre o trabalho e “passar do dia”. Terceiro, aos homens acostumados com o trabalho marcado pelo relógio, essa atitude para com o trabalho parece perdulária e carente de urgência (THOMPSON, 1998: 271-272).

Assim, Thompson dialoga com Benjamin, ao pensar na vida diretamente liga ao trabalho nos tempos modernos. Uma vez que o operário e o empregador determinam seu tempo a partir de seus afazeres, em jornadas de trabalho desumanas, em que se sacraliza tal relação do homem e seu trabalho. Dessa forma, percebe-se que ao olharmos do presente para o passado (BLOCH, 2001), vestígios foram silenciados. Em uma versão da história na qual tal modernidade significa progresso, mascarando as tensões e conflitos desta industrialização, que tem como um dos símbolos o relógio.

Além disso nessa modernidade a qual se constrói na disciplina do trabalho pelo relógio, o tempo tem uma medição mais conveniente:

Essa medição incorpora uma relação simples. Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo e sim o gasta (THOMPSON, 1998: 272).

Revela-se com isso, como se constrói o tempo como mercadoria, no qual tudo vira mercadoria, tudo pode ser gasto e eliminado. Em uma desvalorização do trabalho, das experiências, que foram desmoralizadas. Contudo, ao observarmos a importância de determinado período conflituoso, de ascensão do nazismo e de ser entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, entende-se porque Walter Benjamin tenta retomar o valor do ser humano. Este como superior ao valor desta tecnicização, por meio das memórias, das experiências vividas e da própria história.

A partir desta concepção sobre o valor das lembranças no processo histórico, no deixar rastros das experiências vividas no olhar para a memória, entende-se, porque Walter Benjamin negou essa modernização. Uma vez que nesta se pretende uma homogeneização ou padronização sobre o ser humano, suas mercadorias e o meio social e urbano em que este se insere.

Contudo, o filósofo ainda possui uma esperança sobre esta modernidade, ele a concebia como “drama, como ruína, mas ao mesmo tempo, deixa brechas para que visualizemos o mundo moderno como prenhe de potencialidades de ‘salvação’ ou de construção de ‘novas’ práticas

sociais” (GALZERANI, 2002: 56). Dessa forma o filósofo entende o sujeito como dono de sua história e capaz de produzir alterações em seu rumo e diferentes olhares sobre o rememorar, num restaurar as relações com outras histórias. De tal modo, o filósofo busca por meio de seus ensaios restaurar a importância da figura do narrador, que transmite suas experiências e memórias numa esperança de que o ser humano olhará para o seu passado para entender o que acontece neste presente. Num despertar deste novo sempre igual que a modernidade provocou.

Por conseguinte, reflete-se sobre o artigo *Experiência e Pobreza*, no qual o autor explicita como que as experiências eram comunicadas como saberes e na modernidade torna-se empobrecidas. Logo, no início deste, o filósofo remete a uma parábola para explicar como ocorria essa transmissão dos conhecimentos tácitos. Parábola esta sobre um pai em seu leito de morte comunica a seus filhos que “a felicidade não está no ouro, mas no trabalho” (BENJAMIN, 1994:114), que há um tesouro em suas terras.

Inicialmente os filhos não compreenderam o que seu pai lhes dizia e passaram a cavar o solo onde estavam os vinhedos. Somente depois de um tempo descobriram que as terras herdadas eram as mais produtivas da região. Porém, precisavam ser cuidadas. Assim esses filhos entenderam o ensinamento de seu pai, na comunicação deste saber, do mais velho para os mais jovens. Porém, com a Primeira Guerra Mundial as experiências deixaram de ser comunicadas aos jovens, principalmente no período de 1914 e 1918. Neste foram vividas várias histórias terríveis, quando os soldados voltam em silêncio das batalhas vivenciadas. Provocando um empobrecimento das experiências, pois estas são desmoralizadas.

Esta degradação das experiências é apresentada no ensaio nas trocas de valores como: “[...] experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes.” (BENJAMIN, 1994: 115). Neste trecho o autor, enfatiza em *O Narrador*, em uma forma escrita muito próxima destes, uma vez que a partir dessa troca de valores morais e sociais, a experiência passa a essa desmoralização e desvalorização. Dessa forma, os homens ficam mais pobres de experiências vividas, pois não rememoram suas histórias vividas, apenas passam a vivenciar o presente, a tecnização e como principal consequência a definhamento das narrativas e o esquecimento das memórias da guerra.

Dessa forma, durante esse período da Primeira Guerra, se tem um corpo humano frágil, que não consegue olhar para o desenvolvimento das técnicas como acima de seu próprio desenvolvimento. Porquanto, não há mais uma comunicação das ideias, somente há uma

vivência das informações como dadas, se perde o valor da figura do homem que conhece a história, a memória.

A técnica se sobrepõe no desenvolvimento à figura do homem, a riqueza nas ideias é perdida e junto com elas o patrimônio cultural. Assim, com a perda da tradição do homem dando lugar a esta técnica, perde-se a identidade de uma determinada cultura. Com isso, surge à nova barbárie, porque se deixou de buscar uma renovação autêntica, se tem sempre um novo igual, uma galvanização que tem as pessoas nas ideias angustiadas sobre a miséria provocada pela 1ª Guerra, num processo de evitar o velho, o passado (BENJAMIN, 1994).

Para Benjamin, o homem moderno representa-se na figura de escritores, arquitetos e pintores da modernidade, como Adolf Loos e Paul Klee, buscam as superficialidades e a aparência. Na arquitetura moderna, de Scheerbart, que usa o vidro, material no qual nada se fixa. No urbanismo de Haussmann na capital francesa, que “através de longas séries de ruas(...), deu a si mesmo o nome de “*artiste démolisseur*”(…). Assim, ele faz com que Paris se torne uma cidade estranha para os próprios parisienses” (BENJAMIN, 1991: 41). Na modernidade então, os homens aspiram à liberdade da experiência, portanto se gera pobreza desta a partir da vivência.

Em *A Paris do segundo Império em Baudelaire* em diálogo com *Experiência e pobreza* refletem sobre a pobreza do homem na modernidade:

Os obstáculos que a modernidade contrapõe ao elã produtivo natural do ser humano encontram-se em desproporção às forças dele. É compreensível o que o indivíduo chegue a fraquejar, refugiando-se na morte. A modernidade deve estar sob o signo do suicídio, que apõe o seu selo a um querer heroico que não faz concessões à atitude que lhe é hostil (BENJAMIN, 1991: 99).

Dessa forma, o homem moderno surge como frágil, em meio à miséria provocada pela guerra, torna-se mais fácil sonhar com o novo, isto é aspirar à liberdade da experiência. Porque estas vêm dos campos de batalha e deixam de ter seu valor, pela desmoralização provocada por estes, a “morte” como esquecimento, silenciamento da guerra apresenta-se refúgio.

Assim, “ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absoluta grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças” (BENJAMIN, 1994: 118). O homem moderno apenas vivencia, pois está cansado e somente se remete ao sonho, porque a memória a ele não interessa mais. O homem busca um esquecimento de si, visto que, no esquece-se a simples existência lhe basta.

Porém, a narrativa sobrevive e ela trará o olhar de humanidade e não do indivíduo e deste modo, reconstruirá experiências. Assim, o autor demonstra ao fim de *Experiência e Pobreza*, uma esperança que possui na humanidade:

Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o que é mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro. Perfeito. No meio tempo, possa o indivíduo dar um pouco de humanidade àquela massa, que um dia talvez retribua com os juros dos juros. (BENJAMIN, 1994: 119)

Essa observação esclarece o caráter formativo de “construção da vida” (MITROVITCH, 2011: 91) que há na experiência vivida, as quais devem ser narradas no processo de rememoração implícito no trecho exposto. A humanidade da qual Walter Benjamin lembra caracteriza-se por histórias e memórias que a distinguem da massa. Todavia, podem restaurar os valores destas por meio das narrativas na reminiscência, no processo de rememoração de cada sujeito.

Desse modo, pensa-se a partir das sensibilidades, as mudanças ocorridas com a modernização e a necessidade de se restaurar as experiências e memórias, em específico da cidade de Chapecó. Em um interligar os processos de modernização desta cidade as caracterizações e desdobramentos sobre a modernidade benjaminiana, explanada a partir da capital das luzes no século XIX.

No livro *Fala professor(a)* de Elison Antonio Paim (1997), observa-se nas narrativas de alguns professores como que a industrialização, a chegada de algumas indústrias modificam a “a cidade das rosas”, uma vez que se cria os ideias de que “lá há emprego para todos”, o ufanismo sobre a “Capital do oeste” como relata professora:

Eu cheguei aqui e me senti deslumbrada com a cidade bonita [...] Bonita iluminada cheia e possibilidades e a gente cheia de sonhos [...] Existia um ufanismo todo, isso até trouxe muita gente pra cá e, a cidade não tinha estrutura para receber, que é este inchaço, que continua, muita gente que vêm...que vêm...que vêm...achando que aqui é a galinha dos ovos de ouro, mas que não existe na verdade o trabalho que se diz e se propaga que aqui tem. Como toda cidade que cresceu demais, tem problemas de infra-estrutura, e me parece não tem muita preocupação dos governantes em resolvê isso aí, um exemplo bem típico: o esgoto, outra coisa a questão ambiental (CERETA apud PAIM, 1997: 23).

Assim, percebe-se a dualidade na narrativa da professora sobre Chapecó durante sua industrialização e o que representava a cidade neste período. No qual se cria um bom lugar para quem quer trabalhar, ou seja, o sujeito idealiza melhores condições de sobrevivência e se perde em meio à grande massa formada e desqualificada para mão de obra das grandes indústrias e

em contrapartida esta os exclui, numa marginalização dos recém chegados. Com efeito, Chapecó caracteriza-se nessa perda da identidade do indivíduo para se pensar a massa, a população geral, pois não há como distinguir os sujeitos que a compõe com tal modernização.

Dessa forma, compreende-se que o desenvolvimento tanto da modernidade benjaminiana como a modernização da cidade de Chapecó, perpassam caminhos e rastros similares, numa construção de conhecimentos históricos, sobre as descaracterizações das tradições. Porém, referem-se sobre as experiências e memórias destes espaços e em determinado tempo, em uma tentativa de restauração dessas e para tal valorização dos diferentes olhares sobre a cidade, num rememorar por meio de narrativa a história acerca da modernidade.

Na figura de quem observa/narra sobre a industrialização e urbanização de Chapecó nos anos 1970 e 1980, encontra-se nos meios escolares, os que percebem a escola como um todo. Contudo, enquanto sujeitos deste meio nem sempre são percebido: funcionários das escolas os quais são normalmente esquecidos, como a figura do *flâuner*, que esta na cidade, mas que perpassam por esta. Assim, busca-se evidenciar os olhares sobre a cidade e a importância deste rememorar, do interior para o exterior do meio escolar, por meio das narrativas destes funcionários que são personagens deste desenvolvimento.

No ensaio *O Narrador* (1994), inicialmente percebe-se como a narrativa está morrendo, quando se aumenta a distância do narrador do meio social atual ao distingui-lo, ao descrevê-lo, podendo o narrador aparecer em múltiplas formas. Entretanto, a figura de quem narra necessita de um distanciamento para a observação, porque a narrativa esta se extinguindo. Entende-se que a narrativa está em constante agonia, porque as experiências vividas deixam de ser comunicáveis, transmitidas de boca em boca, no período moderno.

Em *O Narrador*, o autor expõe que a experiência seria a fonte dos narradores e a forma do desenvolvimento histórico a partir desta, conforme o pensamento apresentado no texto:

[...] A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendido se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos. O sistema corporativo medieval contribuiu especialmente para essa interpenetração. O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de fixar em sua pátria ou no estrangeiro. Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artifices que aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário. (BENJAMIN, 1994: 199)

Com efeito, as escritas de narrativas são melhores quando aproximam da história oral. Assim, as primeiras narrativas se caracterizam em duas formas principais; a) nas figuras dos que viajam muito e têm a experiência para socializar, como os marujos, que narravam suas histórias de

sobrevivência e; b) dos que constroem suas histórias pelas tradições do meio em que viveram como os camponeses. Mas quem aprimora a arte de narrar seria o artífice (o artesão), o qual intercambiava as experiências nos portos, tanto dos camponeses como as dos marujos.

Deste modo, Benjamin introduz características de um narrador, como exemplo o senso prático ou o saber de dar conselhos. Atribui tais predicados à personagem de Leskov³, escritor citado várias vezes como exemplo de narrador. Exibindo assim a comprovação da experiência deixar de ser comunicável, uma vez que na atualidade de que o filósofo se remete a modernidade, “dar conselhos” remete a ideia de antiquado.

A partir de uma caracterização da figura do narrador, passa-se a diferenciar a narrativa do romance. Para Jeanne Marie Gagnebin, Benjamin em O narrador pensar como ocorre esse processo de definição da narrativa de experiências vividas para a priorização da vivência, exposta nos romances:

[...] de um lado o fim da experiência a das narrativas tradicionais, de outro a possibilidade de uma forma narrativa diferente das baseadas na prioridade do Erlebnis, qual o romance clássico que consagra a solidão do autor, do herói e do leitor, ou qual a informação jornalística, falsamente coletiva, que reduz as longínquas distâncias temporais e espaciais à exigüidade da ‘novidade’. (GAGNEBIN, 1999: 62)

Dessa forma, o filósofo expõe como que a vivência esta diretamente ligada ao romance e se distingue da experiência que se liga à narrativa. O romance surge na modernidade, no princípio como evolução, que leva ao pensamento e a morte da narrativa.

Assim, configura-se esse sujeito moderno que desvaloriza a experiência, por esta requerer uma suspensão, de uma linha temporal, justamente numa desconstrução deste “sempre presente”, que incorpora o ritmo da cidade e das escritas, na materialização dos romances, os quais se contrapõem à narrativa. Para Benjamin (1994) a narrativa das experiências vividas consegue abranger no conselho uma sabedoria que esta na tradição oral. A narrativa se encontra numa poesia épica ou em alguns tipos de prosas como os contos de fadas, lendas, por estas serem retiradas da experiência do narrador ou de relatos de outros sobre suas vidas.

Na figura do narrador podemos perceber que este “[...] incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994: 201). Já o romancista se isola, segrega-se

³ Nikolai Leskov nasceu em 1831 e faleceu em 1895. O escritor possui uma afinidade com Tolstoi e Dostoievski, respectivamente porque um trabalhou sobre os camponeses e o outro pela sua orientação religiosa. Inicialmente escreveu romance, mas em suas obras posteriores desenvolve narrativas. Ao fim da 1ª Guerra Mundial se tentou difundir suas narrativas em países que falavam alemão. (BENJAMIN, 1994, p. 197)

em relação às coisas vivenciadas, pois ele produz o romance sem uma temporalidade, como informações dadas que não permitem ao leitor receber conselhos ou dar conselhos. A narrativa também se encontra nas crônicas, pois a história pode ser construída no espectro desta, que forma o saber através da mortificação de uma obra de beleza aparentemente sensível, o romance. Deste modo, nas crônicas se encontra a história, apontando então o cronista como um grande exemplo de narrador.

Conforme Benjamin, o romance e as informações descritivas da vivência, como notícias, apunham a narrativa. Estas informações se difundiram e derivaram da razão, acompanhada de explicações que são impostas ao leitor. Diferentemente da narrativa, onde o miraculoso e o extraordinário possuem maior exatidão, no contexto psicológico da ação, que facilita a memorização desta, na qual o leitor “[...] é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” (BENJAMIN, 1994: 203). Pois, como foi analisado nas informações e no romance, o tempo é momentâneo sem uma atribuição a alguma experiência ou memória processada, no pensar, obtém-se somente a vivência. Na narrativa há tempo para o ouvinte da narração elaborar e organizar os pensamentos sobre esta, obtendo o significado de experiência vivida.

O processo de memorização, que facilita o ato de contar história, traz também a rememoração trabalhada por Benjamin, para uma revitalização, “[...] restauração da figura do narrador para a atualidade” (BENJAMIN, 1989: 611 apud GAGNEBIN, 1999: 71). Desse modo, por meio do processo de rememoração se restaura as experiências vividas e a tradição oral. Porém, para que exista o processo de rememoração se faz necessário pensar sobre o que foi esquecido, sem um ressentimento sobre as histórias, sobre a miséria provocada na modernidade.

Assim, o esquecimento pode ser visto como algo bom, na medida em que se remete a um esquecer feliz nietzschiano, o qual possibilita um recordar, sem uma interferência do ressentimento. Contudo, nega-se também outro lado do esquecimento quando este concilia com a morte da narrativa na modernidade. Dessa forma, evidencia Seligmann-Silva, na modernidade a:

[...] memória é tão necessária e impossível quanto o esquecimento. [...] Não se trata de impor um limite à pesquisa histórica, mas sim de refletir sobre a sua apresentação como um momento essencial e que está comprometido com diversos níveis de significado (político, ético, científico etc.) (SELIGMANN-SILVA, 2003: 83).

Assim, mostra-se como a memória e o esquecimento interferem sobre o processo de rememoração por meio das narrativas das experiências vividas, como salvação do homem

moderno, por meio dessa humanização. Em tomar consciência de que o ser humano é sujeito da história e a constitui a partir da comunicação de suas experiências. Dessa forma, somente por meio da materialidade de sua história o podemos pensar.

Considerações finais:

Desse modo, percebe-se como que as memória e experiências sobre o período de urbanização em Chapecó como formadoras da história da cidade, ou seja, pelo processo de rememoração se pode narrar, além das falácias da modernidade, como a industrialização da cidade, na geração emprego para todos. Além disso, torna-se relevante esse olhar sensível sobre esses conhecimentos históricos num processo de construção do sujeito chapecoense que se representa nas figuras que construíram e que acreditaram numa possibilidade de vida em Chapecó. Sujeitos como homem moderno que necessita destas memórias e de comunicá-las para se reconhecer enquanto sujeito histórico e formador de conhecimentos, nos personagens dos esquecidos e dos que buscaram esta modernização da cidade.

Referências Bibliográfica:

ANSART, P. **História e Memória dos Ressentimentos**. Trad. Jacy Alves de Seixas. *In*: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. (Org.) *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: SP: Ed. Editora da Unicamp, 2001, p. 15- 36.

_____. **Os gêneros do discurso**. *In*: *Estética da criação verbal*. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 261- 306.

BENJAMIN, W. **Experiência e Pobreza**. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119.

_____. **O Narrador**. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

_____. **Paris, capital do século XIX**. Trad. Flávio R. Kothe. *In*: KOTHE, Flávio. (Org) *Walter Benjamin*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1991, p. 30- 43.

_____. **Paris do Segundo Império em Baudelaire**. Trad. Flávio R. Kothe. *In*: KOTHE, Flávio. (Org) *Walter Benjamin*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1991, p.44- 122.

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Trad. André Talles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

FRANCESCHI, M. T. **Grupo escolar José Guilherme: uma história em três atos – Bragança (1910-1944)**. Itatiba, 2013, p. 11-23.

GAGNEBIN, J. M. **História e Narração em W. Benjamin**. Campinas, SP: São Paulo: Perspectiva / FAPESP / UNICAMP, 1999.

_____. **Morte da Memória, Memória da Morte**: da escrita em Platão. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2005, p. 47- 65.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **Imagens Entrecruzadas de Infância e de Produção de Conhecimento Histórico em Walter Benjamin**. *In*: Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Org: Ana Lúcia Goulart de Faria, Zeila de Brito Fabri Demartini, Patrícia Dias Padro. Campinas, SP: Autores Associados, 2002- (Coleção educação contemporânea) p. 49-68.

GUIMARÃES, M. **Corpo e cidade**: sensibilidade, memória e história. Jundiaí, Pacos editorial, 2013, p. 13- 33.

MARX, K. Excetos da Ideologia Alemã. *In*: FROMM, Erich. **Conceito Marxista de Homem**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979, p.171- 186.

MITROVICH, C. **A expropriação da experiência e a destruição da memória: um caminho entre impossibilidade**. *In*. Experiência e formação em Walter Benjamin. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 79- 98.

PAIM, E. Artes da rememoração: dialogando com percepções de memória. *In*. **Revista arquivo histórico de Joinville/Fundação Cultural de Joinville. Arquivo histórico de Joinville**. V.1, n.1, 2007, periódico anual, p. 157-188.

_____. **Fala professor (a)**: o ensino de história em Chapecó, **1970-1990**. Chapecó: Grifos, 1997, p. 18- 34.

PAIM, E. GUIMARÃES, M. **Imagens da modernidade capitalista em Walter Benjamin**. Cadernos Walter Benjamin, Ceará, n. 8, jan/jun 2012. Disponível em: < http://www.gewebe.com.br/cadernos_vol08.htm >. Acesso em: 23 dez. 2013.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. *In*:Org. ANTONACCI, M. A. PERELMUTTER, D. **Ética e história oral**. São Paulo, SP: Educ, 1981, p.13- 50.

SELIGMANN-SILVA, M. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. *In*:Org. SELIGMANN-SILVA, Marcio. **História, Memória, Literatura**: O testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p.59- 89.

SEIXAS, J.Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. *In*: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. (Org.) **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: SP: Ed. Editora da Unicamp, 2001, p. 37-58

